

# Sarney só perde se quiser

Villas-Bôas Corrêa

O governo só perderá as eleições municipais de 15 de novembro se o presidente José Sarney intrometer-se onde não é chamado. Salvo as exceções compreensíveis e inevitáveis do Rio — onde o antibrizolismo tangerá Sarney a arregaçar as mangas e dar uma ajuda dissimulada, por baixo do pano — e de São Luís — de compulsória participação do coração presidencial — em todas as demais capitais e municípios o que compete a Sarney, por sabedoria, manha e até mesmo para resguardar a compostura, é a cômoda e olímpica imparcialidade de magistrado, o alheamento para conter a tendência viciosa do envolvimento da máquina administrativa, o saudável fingimento de que não tem nada a ver com as querelas provincianas e que tanto faz como tanto fez que ganhe o candidato do PMDB ou o opositorista local.



Ante a mixórdia partidária, a confusão do balaio que apoia o governo — nem sempre, mas às vezes — o presidente deve contentar-se em bancar o Judas da campanha, malhado por todos os candidatos, com possíveis e raríssimas exceções, para não ser responsabilizado por derrotas que serão fatalmente contabilizadas à impopularidade do governo e do desastrado e indesejado cabo-eleitoral.

Eleição municipal é com governadores, prefeitos e os esquemas partidários estaduais. Em uma situação de normalidade democrática, sem as extravagâncias da inflação de legendas e do desmantelamento das grandes siglas, como o PMDB e o PFL, claro que o presidente da República é solidário com o seu sistema de sustentação, do qual, aliás, é o chefe natural.

Agora, certamente que Sarney está se lixando para a sorte do PMDB e, lá no fundo da alma, se não torce, deleita-se com as aperturas da legenda do Dr Ulysses e que para ele tem o sabor do mel.

Ora, se Sarney sair da reta, a nítida inclinação opositorista do eleitorado, conferida em várias pesquisas, é desabar em cima do PMDB e, aqui e acolá, das candidaturas com a marca oficial. A catarse da sociedade acontecerá na campanha, com os candidatos, em uníssono, desencando o governo. Mas na hora da verdade do voto, confuso diante do excesso de opções e sem saber distinguir o joio dos simuladores do trigo dos opositoristas de fé, o eleitor fará a sua escolha por múltiplas razões, locais ou nacionais. Não será fácil depositar o voto do protesto e da desforra. Paciência: ficará para 89.

O tamanho do PMDB, a conta ainda não paga da sua vitória gigante de 86 nas águas mágicas e mentirosas do cruzado, concitam o eleitor a dirigir o seu voto pela referência do partido majoritário. A favor ou contra.

Mas, é aí que o carro pega. Quem será o adversário do PMDB? Para quem perderá ou de quem o PMDB ganhará? A resposta não é assim tão simples. Ao contrário, reclama uma análise cuidadosa, até porque os resultados deste ano

sinalizarão o modelo provável da eleição presidencial direta do ano que vem.

O quadro partidário saltou da moldura clássica na virada comandada pelo consenso nacional. A divisão clássica e marota da grande maioria conservadora em um bloco governista e outro de oposição para a briga doméstica do poder, não se resistiu à derrota e a subsequente dissolução do PDS. O maior partido do Ocidente saiu das mutretas do colégio eleitoral largando pedaços e sem folego e nem vocação para trocar o sinal e passar a ocupar o espaço vago da oposição conservadora. O PDS não aderiu: acabou.

Daf para cá não mais se restabeleceu o esquema que deu certo enquanto o centro exibia uma tal superioridade que podia dar-se ao luxo de dividir-se para ocupar os dois lados da gangorra do poder.

O PMDB está purgando a arrogância do seu inchaço, a teimosia em prolongar, além de toda a evidência, o seu feito de frente. A cisão que mistura as poderosas motivações locais com a impossibilidade da convivência dos ideologicamente contrários, gerou o PSDB e o instiga à aventureira pretensão de apresentar-se perante o eleitorado como a alternativa do protesto. Teoricamente, ninguém mais credenciado a recolher os votos do eleitor que virou as costas ao PMDB do que os que se desligaram do partido por não mais suportá-lo.

Não é assim tão simples. O PSDB é um calouro que vai prestar o primeiro exame de urna. Com a legitimidade histórica de velhas desavenças, o PFL ainda é, especialmente no Norte e Nordeste, o partido adversário do PMDB. A breve e conflituosa convivência na Aliança desfeita não atenuou diferenças; agravou-as. Ocorre que o PFL também está em polvorosa, com o seu presidente, senador Marco Maciel, liderando a dissidência para desespero do ministro Aureliano Chaves. Unido o PFL não chega a meter medo, avalie-se em frangalhos.

**Onde a decisão** — na reta final, depois de peneirados os candidatos sem chance - confrontar o PMDB com o PFL, estará restabelecido o modelo clássico do centro rachado ao meio como uma laranja para a briga na mesma área. PMDB versus o seu filhote atucanado sugere uma nova arrumação partidária na risca ideológica.

Repita-se: não é assim tão simples. Nem só ao PMDB, PFL e PSDB se reduz a briga de foice das eleições municipais próximas. Estamos em pleno festival de siglas. Muitas não valem referência e nem merecem o espaço minúsculo que vão desperdiçar nos horários de propaganda gratuita do rádio e televisão. Mas o PT de Lula é uma proposta séria, instigante e em plena ascensão, malgrado sua vocação suicida, como na estapafúrdia escolha da Erundina para candidata à prefeitura de São Paulo. O PDT é o palanque da candidatura presidencial de Brizola. Convém prestar atenção no PL, nas sobras do PDS, no PTB descaracterizado, nas siglas radicais à esquerda.

Com o mapa dos resultados talvez se possa detectar a inclinação da sociedade e até onde ela mudou. Esperando para conferir na eleição direta de 89 para a escolha do sucessor de Sarney. Então e na certa, o povo dará o seu recado.